

Nem intocável, nem desfigurada

Nada como a tranqüilidade do gênio para desmistificar-se e desmistificar a sua obra. Pois foi o que fez, com uma serenidade desafiadora, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, autor consagrado do Plano Piloto de Brasília.

Desde a pequena e econômica memória inicial, escrita a mão e em poucas páginas, o Plano de Lúcio Costa para Brasília foi considerado uma concepção genial, quer pela solução plástica escolhida - que a execução consagrou - quer pela sabedoria com que inovou conceitos, simplesmente restabelecendo conceitos da mais pura tradição humana de organização comunitária e vida urbana.

Construída a cidade - nascida do gesto simples de assinalar em cruz o lugar de que se toma posse - valorizada pela arquitetura monumental de Oscar Niemeyer, ocorreu o previsível: criaram-se lendas, preconceitos, partidos da admiração incondicional e da negação absoluta e, numa mesquinhez sem limites, pretendeu-se atribuir peso e cor política às soluções de arquitetura e urbanismo dadas a Brasília.

Ora, se o próprio Juscelino Kubitschek, o político, objeto natural das contradições da política e envolvido nos acontecimentos da Revolução de 1964, já não sofre mais as críticas mesquinhas pela construção de Brasília, hoje amplamente consolidada por seus adversários, que a reconhecem como fator de desenvolvimento e integração, já não faz sentido rotular ou afastar aprioristicamente, por preconceitos políticos ou ideológicos, personagens fascinantes como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer da discussão dos problemas de Brasília.

Nos últimos quatro anos, a cidade entregue à mediocridade provinciana de uma equipe principalmente incompetente, procurou afastar-se o mais possível dos seus criadores, com a cavilosa alegação de que Brasília era um monstro desde a concepção e que para salvá-la deviam-se revogar os princípios que nortearam seu projeto.

E criou-se, igualmente, o mito infamante de que os projetistas pioneiros de Brasília eram impermeáveis às críticas e evidências de problemas que estrangulavam o desenvolvimento da cidade.

De tanto repetida, a mentira chegou a tornar-se crença pública: as dificuldades de Brasília deviam ser corrigidas por outras pessoas, uma vez que Lúcio Costa e Oscar Niemeyer não aceitavam a evidência de que o progresso, o aumento da população a taxas superiores às previstas, o excesso de automóveis não imaginado na época e a própria reforma do ensino básico, teriam tornado os seus sonhos e projetos, de 16 anos passados, incapazes de ajustamento à realidade.

Acusava-se Lúcio Costa de imprevidente, por não ter sido profético, e outras asneiras e insultos paupérrimos.

Eis que, há duas semanas, o Senado Federal - e ainda há quem ache desnecessário ou sem razão a existência de um Parlamento, apesar de todas as limitações! - através da sua Comissão do Distrito Federal, que funciona como uma espécie de câmara dos vereadores de Brasília, trouxe-nos de volta Lúcio Costa, 10 anos depois da sua última visita à cidade que planejou.

E o que se viu e ouviu?

Ora, Lúcio Costa emocionado e humilde, comovido pelas coisas boas e

principalmente pelas pesquisas e soluções de técnicos de planejamento da Codeplan, preocupado com distorções ocorridas no seu projeto original e, finalmente, disposto a aceitar modificações e ajustes no seu plano original.

Então, Lúcio Costa admitia as críticas e estava disposto a discutir novas soluções? Sim, sempre esteve.

Naturalmente, o grande mestre, discípulo de Le Corbusier, considerava alguns aspectos inegociáveis, como a sua teoria da superquadra, com as unidades de vizinhança e o tráfego interno bloqueado por grupos de quadras. E faz muito bem em insistir nesse aspecto, que é talvez a mais importante inovação da tecnologia urbana brasileira, que o mundo inteiro começa a copiar e só não é mais exportada devido à incapacidade com que autoridades brasileiras do passado se negaram a entendê-la.

Vejam, senhores, a riqueza de soluções que as superquadras envolvem como concepção urbanística. Trata-se de qualquer coisa de genial, que reclama atenções, inclusive para que sejam restabelecidos princípios abandonados. Por exemplo: as lojinhas das entrequadras, que deviam ter a frente para os gramados e não para as pistas de automóveis. Os cinemas, os clubes das unidades de vizinhança, as escolas, as bibliotecas, os centros culturais e comunitários.

Parece-nos que, hoje, mais do que nunca - incluídos os tempos de pioneirismo - Brasília tem condições de completar-se, corrigidos erros de previsão e de concepção que a experiência denunciou, e ser a cidade sonhada.